

O SÉQUITO DE ANTONIO CONSELHEIRO^(*)

José Calasans

No séquito de Antonio Conselheiro, que começou a se formar no início de suas andanças na Bahia e em Sergipe, predominavam os baianos, seguidos de sergipanos, cearenses e pernambucanos. Jamais deparamos, em nossas pesquisas, referências a nordestinos de outras procedências, embora, possivelmente, alagoanos, paraibanos, potiguares hajam formado nas falanges conselheiristas.

Sabemos pouco a respeito dos pernambucanos. Na sua caminhada do Ceará para a Bahia, Antonio Vicente Mendes Maciel atravessou a Província de Pernambuco. A propósito, registrou Euclides da Cunha: “*dos sertões pernambucanos passou para os de Sergipe*”. Um caboclo velho, preso em Canudos, nos últimos dias da resistência, disse ao então repórter do **Estado de São Paulo** que conhecia o místico na época referida. Ainda moço, “*já impressionava vivamente a imaginação dos sertanejos*”¹. O “caboclo velho”, certamente, teria sido um dos primeiros pernambucanos a formarem ao lado conselheirista. Das terras de Duarte Coelho, segundo informação de Manuel Benício, veio um dos mais falados cabecilhas de Canudos, o nego Pajeú, ex-soldado de linha, que estivera envolvido num motim no começo da República, chefiado por Antonio Diretor². É provável que outros pernambucanos, participantes das agitações da inquieta fase, tenham se agregado ao séquito.

Com relação aos cearenses, os dados são mais esclarecedores. Podemos assegurar que os comprovincianos do “rei dos jagunços” estiveram em número expressivo na comunidade messiânica. Exerceram liderança e mereceram

(*) Este trabalho foi publicado na revista FAEEBA, nº especial (Canudos), 2ª. ed., jan / jun, 1995.

1 CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. 7ª ed., Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1923. p. 162-3.

2 BENÍCIO, Manuel. *O Rei dos Jagunços*. Rio de Janeiro: Tip. Jornal do Comércio, 1899. p. 168.

considerações especiais de parte do famoso conterrâneo. Alguns deles são citados nos documentos. O delegado de polícia da vila de Itapicuru, Luiz Gonzaga Macedo, em 1886, denunciou ao chefe de Polícia da Bahia as violências praticadas pelo cearense Manuel Feitosa, mestre de obras do Conselheiro, que estava dirigindo a construção da Igreja do Bom Jesus, no arraial do mesmo nome, hoje cidade de Crisópolis. Segundo o expediente, muitos cearenses trabalhavam na edificação da capela, “aos quais Antonio Conselheiro presta a mais cega proteção, tolerando e dissimulando os atentados que cometem”³.

Também no Belo Monte, alguns anos depois, a gente da “terra de Iracema” desempenharia relevante papel, destacando-se a posição da família Vilanova, tendo à frente Antonio Vilanova, o mais próspero comerciante do povoado, um dos homens fortes da grei canudense. O chefe Vilanova, nascido em Assunção, pessoa de confiança do Bom Jesus, era uma espécie de dirigente econômico e político de Canudos, muito considerado, ouvido e respeitado. Possuidor da melhor loja da localidade, com seus irmãos Pedro e Honório, Antonio Vilanova conseguiu retornar à terra do nascimento, levando a família⁴.

Chegou ao interior da Bahia, acossado pela seca de 1877. Como ele, no ano terrível, muitos cearenses se deslocaram para as terras baianas, onde a estiada não fora tão inclemente. A imprensa coetânea está cheia de registros neste sentido. Levas de flagelados chegaram à Bahia, juntamente no período que o Conselheiro fazia pregações e realizava obras. Natural que muitos deles se aproximassem do peregrino, de quem podiam receber alguma ajuda. A calamidade reunia conterrâneos exilados.

3 MILTON, Aristides Augusto. *A Campanha de Canudos*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1902. p. 14.

4 MACEDO, Nertan. *Memorial de Vila Nova*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1964. p. 32 e 155.

Por outro lado, o tão conhecido misticismo sertanejo seria outro motivo de aproximação. O jagunço Manuel Ciriaco, com quem conversamos em Canudos, falou-nos de um José Beatinho, outro cearense, bom tirador de rezas, amigo de Antonio Conselheiro, falecido antes da guerra. O escritor Xavier de Oliveira, no livro **Beatos e Cangaceiros** menciona moradores de Crato sobreviventes da Campanha de 1897, entre eles, Pedro Pilé, que combateram contra as forças republicanas⁵. No Ceará, até padre Cícero Romão Batista, em plena ascensão de sua carreira mística, manifestava interesse pela sorte do taumaturgo de Vaza-Barris, tanto assim que lhe enviou, consoante declaração de Honório Vilanova, pouco antes do "fogo de Uauá", um emissário, de nome Herculano. Ele esteve algum tempo entre jagunços, regressando ao Crato, com a recomendação do Conselheiro de contar ao padre tudo que vira⁶. Não será despropósito admitir a presença de outros afilhados do "padim" Cícero nas hostes conselheiristas.

Em relação aos sergipanos, temos a considerar o proselitismo intentado pelo Bom Jesus Conselheiro desde os primeiros momentos do seu aparecimento no centro das Províncias da Bahia e de Sergipe, em 1874. No ano citado, uma gazeta sergipana, editada na cidade de Estância, noticiava a presença do peregrino, que se dizia chamar Antonio dos Mares, no território de Sergipe, onde estava impressionando as populações da região, que já o julgavam *Santo*⁷. Em 1879, Sílvio Romero contou que Antonio Conselheiro andara em Sergipe, onde fizera adeptos⁸.

5 OLIVEIRA, Xavier de. *Beatos e Cangaceiros*. Rio de Janeiro, 1920. p. 127-39.

6 MACEDO, Nertan. *Op. cit.*, p. 135-6.

7 *O Rabudo*, Estância, Sergipe, 22/11/1874.

8 ROMERO, Sílvio. *Estudos sobre a poesia popular do Brasil, (1879-1880)*. Rio de Janeiro: Laemmert & Cia, 1888.

No decorrer dos anos, realizara também algumas obras, levantando muros de cemitérios, construindo e levantando capelas, em Vila Cristina (atual Crisínópolis), Campos, Riachão do Dantas, segundo ensina a tradição oral. Não foi bem sucedido em Simão Dias e Lagarto, onde os respectivos vigários José Joaquim Ludovice e João Batista de Carvalho Daltro (padre Data) proibiram suas prédicas, tendo o último reunido alguns paroquianos para qualquer eventualidade⁹. Foi recebido, porém, em Riachão do Dantas. Baseado no testemunho de um antepassado, o coronel Arivaldo Fontes reconstituiu a passagem do Santo Conselheiro pela vila sergipana. O vigário não lhe criou obstáculos. Nem o presidente da Câmara Municipal. O Conselheiro fez suas prédicas na praça da Matriz. Da Vila, seguiu para o povoado Samba, hoje Bonfim, onde construiu a capelinha e o cemitério da localidade¹⁰. Os moradores do povoado ficaram agradecidos ao benfeitor. Um dos homens de posse de Samba, Antonio Marciano dos Santos, conhecido por Marciano de Sergipe, reuniu a família e partiu para Canudos, onde morreu heroicamente.

Do Riachão do Dantas, sem dúvida alguma, saiu o mais numeroso grupo de sergipanos para acompanhar a sorte do Bom Jesus Conselheiro. Arivaldo Fontes, recordando tempos de meninice, noticiou ainda sobre um tipo popular de sua terra, conhecido por *Santo Jagunço*, que escapara do morticínio de 1897. Nas relações de mulheres e meninos, procedentes de Canudos, recolhidos às enfermarias de Alagoinhas, feridos de guerra ou doentes de varíola, havia sergipanos oriundos de Itaporanga, Itabaianinha, Campos (Tobias Barreto), Geru, Vila Cristina, parte do Estado que teria sentido mais de perto a influência do Conselheiro. Número, todavia, pouco significativo em relação aos internados de naturalidade baiana.

9 MACEDO, Nertan. *Antonio Conselheiro*. Rio de Janeiro: Record, 1969. p. 154-5.

10 FONTES, Arivaldo. "Antonio Conselheiro no Riachão do Dantas", *Momento*, Revista Cultural da Gazeta de Sergipe, v. 2, nº 3-4, p. 7-8, ago. / set. 1977.

Os baianos constituíram, de fato, a avassaladora maioria dos fanáticos do Bom Jesus. Baianos nascidos numa zona situada nas bacias dos Vaza-Barris e Itapicuru, aos quais se ajuntaram outros procedentes da zona sanfranciscana e da região das Lavras Diamantinas, então envolvida, esta última, em lutas violentas de nítida conotação *coronelist*a, que o poder público estadual de certa forma instigava.

Das Lavras teriam vindo mais clavinoteiros do que crentes propriamente ditos. Gente afeita ao trabuco, e não ao terço. Gente chegada na hora do combate com a firme disposição de “cortar soldado”, de dar sumiço à “fraqueza do Governo”. Gente que não ouvira a palavra do Santo Conselheiro, porque ele nunca chegara até as bandas da mineração.

O peregrino palmilhara, durante quase um quartel de século, o chão ressequido do nordeste baiano, um pedaço de chão incrustado no polígono da seca, um pobre trecho de acentuada conotação agropastoril, onde restos de uma pequena economia açucareira se foram estiolando com o término do regime servil. O sertão do Conselheiro era habitado por populações que quase nada possuíam para exportar, vivendo da carne de bode, do couro de bode, da rapadura, da farinha de mandioca, de boizinhos, quase de barro, que pastavam em terrenos também pobres. Zona tão miserável que viveu muitos anos das benemerências do pobre Antonio Conselheiro, construtor de igrejas e cemitérios, abridor de tanques d'água, únicas obras de caráter público que aquele adusto sertão podia ambicionar.

Nas suas constantes caminhadas, que sempre o traziam de volta ao município de Itapicuru, onde estabeleceu seu quartel general, de 74 a 93, Antonio Vicente Mendes Maciel, a pé ou montado no seu cavalo castanho, o “cavalinho do Conselheiro”, percorreu as terras de Inhambupe, Tucano, Soure, Ribeira do Pau Grande, Bom Conselho, Jeremoabo, Pombal, Conde, Monte Santo, Massacará, Chorroxó, donde haveriam de sair na esperança da salvação e ao encontro da

morte, milhares dos seus desenganados seguidores, muitos deles compadres, afilhados do santo, porque os laços do compadrio foram um dos fortes esteios para o bom funcionamento daquela sociedade messiânica dos sertões da Bahia. Eram baianas as figuras de indiscutível participação nos acontecimentos do Belo Monte, como João Abade, Joaquim Macambira, José Félix, Norberto das Baixas, Antonio da Mota, Manuel Quadrado, Paulo José da Rosa, Leão Ramos, Manuel Faustino, Timotinho Sineiro, Pedrão, Antonio Fogueiro, beatos, clavinoteiros, negociantes, artífices, que se deixaram envolver pelas pregações do *messias* e o acompanharam.

Agora que já esboçamos a distribuição geográfica do universo conselheirista, vamos tentar determinar suas origens étnicas. O Conselheiro conseguiu reunir, em torno de sua figura carismática, brancos, negros, mulatos, caboclos. Euclides da Cunha, que viu reunidos, nos derradeiros momentos da guerra, centenas de velhos, crianças e mulheres, assim descreveu a gente jagunça:

“Via-se, então, pela primeira vez, em globo, a população de Canudos: e à parte as variantes impressas pelo sofrer diversamente suportado, sobressaía um traço de uniformidade rara nas linhas fisionômicas mais características. Raro um branco ou um negro puro. Um ar de família em todos delatando, iludível, a fusão perfeita das três raças. Predominava o pardo, lídimo, misto de cafre, português e tapuia - faces bronzeadas, cabelos corredios e duros ou anelados, troncos deselegantes; e aqui, e ali, um perfil corretíssimo recordando o elemento superior da mestiçagem¹¹”.

Pelo visto, havia gente de todas as origens. Até tipos alourados, como Bernabé José de Carvalho, que fez lembrar ao autor de **Os Sertões** a presença de descendentes holandeses, no meio daquela jagunçada mestiça. Um homem de olhos azuis e cabelos alourados, que se proclamava de linhagem superior. Não

11 CUNHA, Euclides da. *Op .cit.*, p. 608.

era um matuto largado. Brancos e homens de recursos, porque o Belo Monte não foi, como se assoalhava na tumultuada era da guerra fratricida, um valhacouto de foragidos da lei. Negociantes e pessoas de recursos vendiam seus *possuídos* e iam se instalar no povoado do Vaza-Barris, sofrendo as agruras da luta ingente. Rosendo Maximiano dos Santos, de Tucano, Deocleciano José de Macedo, de Natuba (Soure), Manuel Jacinto da Silva, de Mundo Novo, Antonio Marciano dos Santos, de Riachão do Dantas, dentre muitos outros, eram brancos e abastados, crentes fervorosos, que se desfizeram dos próprios bens para ficarem juntos do Bom Jesus, para morrerem ao seu lado, onde também estavam os negros ex-escravos e caboclos de Massacará, Rodelas, Mirandela, antigos aldeamentos de índios. Negros e caboclos que, sem dúvida alguma, agregando-se à grei conselheirista, não o faziam apenas dominados pelo fervor religioso, mas também por necessidade de amparo material, de solidariedade humana.

Os negros do Belo Monte eram, segundo depoimentos da época, ex-escravos, egressos das senzalas, inadaptados ao novo regime de vida que, estabelecendo a alforria do homem, não criara condições para a “alforria da terra”, que tantos esperavam. Negros apelidados “treze de maio”, jogados para um canto, desvalorizados perante certos grupos, como está bem claro no cancionero popular de antanho.

Nasceu periquito
Virou papagaio
Não quero negócio
Com “treze de maio”.

K é letra decadente
Meu pai assim me dizia
É como o “treze de maio”
Mesmo depois da alforria.

Há duas cartas no rico arquivo do Barão de Jeremoabo, falando da presença dos “13 de maio” nas hostes conselheiristas. Uma de Antero Galo, de Tucano, bem informado a respeito da população do Belo Monte, afirma, com evidente exagero, que tudo “*ali é gente treze de maio*” e outra do coronel José Américo Camelo de Souza Velho, proprietário em Massacará, terrível inimigo do Conselheiro, dizendo haver um grande número de ex-escravos arranchados em Canudos, onde sabemos existia uma rua denominada dos “*negros*” e uma outra apelidada dos “*caboclos*”.

Dos últimos defensores do Bom Jesus, que morreram combatendo, um era negro, afirmou Macedo Soares. Pajeú era homem de cor. A velha Francisca Guilhermina apontou, entre os participantes do massacre da família de Antonio da Mota, o cabecilha “*Vicentão, negro muito malvado*”.

Contou o Barão de Jeremoabo, num artigo publicado no ***Jornal de Notícias*** (4 de março de 1897), que após a abolição grande parte da mão de obra das fazendas deixou as propriedades onde trabalhava e foi para a companhia do Santo Conselheiro, causando, diz o articulista, grande prejuízo aos seus antigos senhores.

No livro de batizados da freguesia do Cumbe, registrando batismos realizados em outubro de 1896, poucos dias antes do início do sangrento conflito, é quase tudo gente “*parda*”, talvez filhos de ex-escravos.

Quanto à presença de “*caboclos*”, descendentes de índios, há igualmente documentação convincente. O Dr. Edgar Albertazzi, médico da expedição Febrônio de Brito, declara, em suas memórias inéditas, ter visto muitos feridos de flecha. Um saudoso pesquisador, Valentim Calderon, obteve depoimentos significativos de caboclos de Mirandela a respeito dos seus antepassados lutando ao lado da jagunçada. Segundo a tradição, que ouvimos no sertão, veio gente da aldeia de Rodelas, bem assim de Massacará. Em tais aldeamentos

havia muita reclamação contra o tratamento que era atribuído aos descendentes de índios e por isto, provavelmente, a posição tomada ao lado do Bom Jesus Conselheiro.

Pelo que nos foi possível constatar, alicerçado sobretudo na voz popular, o séquito do Bom Conselheiro reunia todas as “nações” do sertão. E pela presença de ex-escravos se pode até aventar a hipótese de ser Canudos o “último quilombo”.